

**Dançando pelo Brasil**  
**E.E. Alcides da Costa Vidigal**  
**Jacqueline Cristina Jesus Martins**

No ano de 2013, nós professores da Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal elegemos como tema norteador das nossas ações didáticas a: Diversidade Cultural Brasileira. Durante as reuniões de planejamento discutimos a organização e as possibilidades de realização do trabalho entre todas as áreas do conhecimento. Decidimos que cada ano do ciclo ficaria responsável por uma região brasileira e que os componentes curriculares artes e educação física abordariam em suas aulas as práticas de todas as regiões, pois assim ampliaríamos e aprofundaríamos o conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira em todos os anos do ciclo. Para o trabalho das professoras de sala as regiões ficaram definidas da seguinte forma: 1º anos – Região Sul; 2º anos – Região Centro-Oeste; 3º anos - Região Sudeste; 4º anos – Região Norte e 5º anos Região Nordeste. Também acordamos que ao final do semestre realizaríamos uma apresentação com a temática da diversidade cultural brasileira, e que para essa apresentação cada ano do ciclo apresentaria práticas da região que foi estudada.

Durante o ano de 2013 fui professora das turmas dos 1º, 4º e 5º anos na escola, e tínhamos mais uma professora que trabalhava com os outros anos do ciclo. É importante ressaltar que todas as turmas da escola durante o primeiro semestre de 2013 estavam estudando as danças brasileiras, pois por ser um projeto da escola, a outra professora também estava desenvolvendo o estudo das danças com os seus alunos.

O presente texto relata as experiências das aulas de Educação Física com as cinco turmas de 1º anos da escola (A/B/C/D/E), pois eu fui a professora de todas as turmas desse ano do ciclo.

Para dialogar com o projeto da escola, selecionei a dança como manifestação cultural a ser estudada, pois acredito que essa é uma prática da cultura corporal muito diversa em nosso país e que poderia contribuir com os alunos a respeito da construção do conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira. A escolha dessa manifestação deu-se por dois motivos: o primeiro baseou-se nas minhas observações que venho fazendo sobre as práticas corporais dos alunos e da comunidade em que a escola está inserida, onde identifiquei que as danças estão presentes em vários momentos da escola, como recreio, entrada e saída, pois os alunos estão com os seus aparelhos eletrônicos tocando suas músicas. O segundo motivo está relacionado a tentativa de romper com a ideia de

que as aulas de educação física para os 1º anos devem ser baseadas apenas nas brincadeiras. Sim as brincadeiras ocupam boa parte do tempo das crianças, mas elas também praticam e tem conhecimentos sobre outras manifestações da cultura corporal como as danças, as lutas e os esportes. Logo que apresentei a minha proposta para o grupo de professores alguns não gostaram, argumentaram que deveriam ser as brincadeiras das diferentes regiões do País, a partir da ideia de que as práticas corporais das crianças de 6 anos devam ser as brincadeiras. Porém mantive a minha proposta apresentando os meus argumentos e o que eu pretendia trabalhar. A minha tomada de decisão também está ancorada na ideia de que dentro do componente curricular educação física, quem deve decidir ou não as proposições de trabalho são os professores de educação física da escola em que o trabalho acontecerá e não outros agentes da escola ou de outros locais.

Nos últimos anos as músicas estão compondo cada vez mais o universo das crianças e jovens. Com os avanços da tecnologia é muito comum vermos crianças e jovens com seus celulares, ipads, ipods e tablets ouvindo músicas. É pratica comum entre esses grupos assistirem, divulgar e publicar passos de danças e coreografias na internet, assim como realizar as danças em seus momentos de lazer e em espaços fora da escola. Observei também entre os meus alunos dos 1º anos, que alguns deles têm celulares, mas não com linhas para poderem se comunicar com as famílias, mas apenas os aparelhos para tirarem fotos e ouvirem músicas. A partir dessas observações como não abordar essa manifestação da cultura corporal com esses alunos?

A coordenação e direção da escola concordaram com o meu plano de ensino, mas para alguns professores tudo ficou pior quando apresentei que entre os ritmos que estudaríamos estava o *funk*. Por diversos motivos o *funk* não é bem visto por alguns grupos sociais, porém no meu entendimento ele é um ritmo que representa muito a região sudeste, pois São Paulo e Rio de Janeiro são grandes produtores dessa manifestação da cultura corporal, além do ritmo ser reconhecido mundialmente como um ritmo brasileiro. O trabalho não focaria apenas no ritmo *funk*, mas nas possibilidades de se dançá-lo. Outras práticas corporais já sofreram muitas críticas por conta do grupo social que o pratica e pelo local em que a manifestação foi criada. Hoje temos o *funk* como grande protagonista dessa condição, porém já foi assim com o RAP, com o samba e outras manifestações que foram criados por grupos sociais subjugados.

Após a identificação de como as músicas e as danças estão presentes na sociedade brasileira e na realidade dos alunos do Vidigal, resolvi trazer as danças para as aulas de educação física com a intenção de conhecer um pouco mais sobre como essa manifestação

acontece em outros locais do nosso País. O trabalho com as danças dentro da escola quase sempre acontece apenas nos momentos de ensaios para festas e apresentações. Pouco observo sobre o estudo das danças que contribuam com o processo de leitura dessas práticas corporais. Organizei o meu trabalho de forma com que os conhecimentos adquiridos nas nossas aulas contribuíssem com a forma com que os estudantes compreendam o que é dançar e que passem a construir suas próprias formas de dançar, tentando romper com a reprodução de movimentos e de coreografias prontas. Dessa forma tentei construir o nosso percurso de um jeito em que as construções das possibilidades de dançar e o conhecimento das diferenças que existem com relação às danças fossem respeitadas e valorizadas. Com essa intenção os objetivos do trabalho realizado foram:

- Atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários relativos à dança;
- Conhecer as diferentes manifestações de danças existentes no Brasil, compreendendo a diversidade cultural como forma de expressão de um povo;
- Conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos em torno da manifestação corporal dança;
- Cultivar e valorizar a cultura rítmica brasileira ampliando seu conhecimento a respeito das danças pertencentes à cultura popular, contribuindo para a sua preservação e desenvolvimento;
- Identificar a dança como opção de lazer de acordo com interesses do grupo, planejando, organizando e executando de forma autônoma, atividades que incluam essas manifestações nos seus momentos de lazer;
- Reconhecer algumas possibilidades de se realizar as danças (coreografadas, circular, casal e improvisado);
- Reconstruir e vivenciar as danças propostas em conformidade com as características do grupo e da dança;
- Respeitar as características das danças brasileiras, bem como seus participantes, reconhecendo as formas (vestuário, ritmo, instrumentos, passos etc.) e origens (contexto sócio, histórico e cultural) dessas manifestações como fenômeno cultural;
- Vivenciar processos de criação e improvisação das danças dos ritmos estudados;

A minha primeira ação de mapeamento sobre os conhecimentos dos alunos acerca do tema que estudaríamos aconteceu no baile de carnaval que aconteceu no início do ano. Com a intenção de observar o que os alunos já conheciam sobre danças preparei uma seleção de músicas com os diversos ritmos que estão relacionados às manifestações de carnaval no nosso País: samba-enredo, marchinhas de carnaval; pagode, samba, axé e algumas músicas que não estavam relacionadas diretamente com o carnaval, mas que possuem coreografias que estavam na “moda”. Observei durante o baile que durante as músicas de ritmos pouco conhecidos pelas crianças elas faziam trezinhas, rodas para dançar no centro, ficavam paradas ou vinham me pedir para trocar a música e solicitavam as que elas queriam. Já quando as músicas da “moda” tocavam, as crianças dançavam animadamente, na sua maioria repetindo coreografias dos clipes ou as danças apresentadas pelos cantores ou bandas. Essa observação me mostrou o quanto as nossas danças estão sendo influenciadas apenas pelas mídias, deixando de lado o processo criativo e expressivo dos sujeitos. Registrei no meu caderno que esse era um dos pontos importantes para trabalhar com os alunos, mas tinha clareza das dificuldades, pois o alcance das mídias são bem maiores do que as nossas ações na escola. Porém tive certeza de que seria importante tentar discutir essas questões com os alunos, e fui pensando em como levar essas discussões para as aulas.

Após essa atividade tive a certeza de que estudar as danças brasileiras em nossas aulas seria interessante para os alunos, pois com os nossos estudos eu pretendia ajudar os estudantes a conhecerem o que dançar pode representar para diversos grupos da cultura brasileira e para eles mesmos.

Iniciando as aulas, levantei algumas questões sobre o que os alunos conhecem sobre as danças: onde eles dançam; quando dançam; por que dançam; quem na família deles dança entre outras questões. As respostas caminharam em direção das danças nos momentos de lazer, para se divertir e brincar e em festas, churrascos, aniversários e festas nas escolas.

Continuando as minhas ações do mapeamento, era o momento de perceber como eles dançavam, pois no baile eu havia tido uma visão geral, do comportamento de vários grupos, e agora era o momento de observar como esses alunos significavam as danças. Novamente levei para a aula uma atividade com vários ritmos musicais, mas agora um pouco diferente da proposta do baile de carnaval. Levei uma diversidade muito grande de músicas, com músicas de outros países (tarantela, dança do ventre, tango), ritmos que se dançam em casais, danças com coreografias, danças de improviso, e fui observando os

comportamentos dos alunos em cada uma das músicas apresentadas. Algumas crianças dançavam todos os ritmos da mesma forma, outras dançavam apenas o que já conheciam, outras mais desinibidas inventavam movimentos de acordo com a música, e algumas até arriscavam fazer duplas para as danças que eram realizadas assim. Essas observações serviram de inspiração para as minhas novas ações didáticas nas aulas.

Como percebi que na atividade da aula anterior algumas crianças ainda estavam tímidas para realizar as danças, pensei em outras possibilidades que pudessem deixá-las mais a vontade durante as aulas. Organizei para as próximas aulas brincadeiras que estavam relacionadas com músicas e danças, pois pensei que o aluno que estava mais inibido talvez se soltasse mais pelo estímulo das brincadeiras e por isso nas aulas seguintes fizemos algumas brincadeiras como a brincadeira de estátua e dança da cadeira, práticas muito comuns entre as crianças e apresentei a dança da vassoura.

Quando apresentei a dança da vassoura, que nenhum aluno afirmou conhecer, mostrei alguns elementos das danças de casal como as possibilidades de se segurar no colega (posição das mãos das damas e dos cavalheiros), os giros e rodopios e principalmente os ritmos musicais que são dançados nesse formato. Logo de início foi um pouco difícil que meninos e meninas dançassem juntos, pois as piadinhas com relação ao namoro aconteciam e algumas crianças choravam, outras ficavam bravas e ainda tinham as que não queriam dançar mais. Mas durante as atividades algumas conversas acabaram por romper com essa questão inicial. Dentre os ritmos dançados no formato de dança de casal, dançamos o forró, o samba, e o fandango gaúcho. É importante lembrar que eu ia apresentando alguns passos, alguns giros, ensaiando alguns movimentos, mas durante a brincadeira cada casal ia construindo a sua própria dança. Durante essas atividades observei que algumas duplas se mantiveram durante todas as aulas, e que quando eram separados durante a brincadeira logo tentavam voltar a dançar juntos. Também notei que algumas crianças riam com a presença de ritmos ou de músicas pouco conhecidas, pois procurei trazer a maior possibilidade de músicas para as experimentações nas aulas.

Nesse momento eu já havia organizado o meu plano de ensino e era o dia de uma reunião de pais. Como o de costume fui me apresentar aos pais e falar um pouco sobre o trabalho que realizaríamos nas aulas de educação física durante aquele semestre. Ao terminar a minha apresentação logo uma mãe levantou a mão e perguntou: “Não vai ter esse negócio de *funk* aqui na escola, não é professora?” E eu respondi que o ritmo *funk* é uma forma de expressão de um grupo social que merece ser abordado na escola sim, e

ainda afirmei que existe um grupo que constrói essa manifestação da cultura corporal que ajuda a compor a diversidade cultural brasileira. Dessa forma a inclusão das possibilidades de se dançar o *funk* acrescentaria aos nossos estudos a possibilidade de conhecimento da diversidade cultural brasileira. Como o objetivo do trabalho não era aprofundar o estudo sobre o *funk*, expliquei um pouco aos pais sobre as diferenças existentes dentro desse ritmo, e que o que nós estudaríamos naquele momento seria uma vertente chama *Funk Comedi*, onde as letras das músicas são apenas brincadeiras e que não trazem palavrões, apelo sexual ou referência ao tráfico ou uso de drogas. Ao final da reunião, algumas mães da mesma sala me procuraram para dizer que eu estava certa, pois o ritmo *funk* está em toda a parte da sociedade e não há como fingirmos que ele não existe. Acredito que a fala dessas mães legitimaram um pouco mais o meu trabalho, e me ajudaram no discurso para enfrentar as posições contrárias a presença desse ritmo que vinham de dentro da própria escola.

Nesse mesmo dia, também me procuraram algumas mães, principalmente de meninos, apenas a mãe de uma menina, me pedindo para que eu deixasse os seus filhos fora das aulas porque eles não gostavam de dançar. Novamente argumentei sobre a importância de participar das aulas, pois a educação física é um componente curricular que ajudaria aos seus filhos conhecerem as diferenças que existem entre nosso país com relação as danças, e principalmente no fato de que eu não estava preocupada com que os seus filhos aprendessem um jeito certo de dançar. Afirmar ainda que eu não daria nota para os mais habilidosos, mas que o meu trabalho ali, era principalmente o de contribuir para que eles conhecessem a diversidade das danças no Brasil, sem a preocupação de se tornarem dançarinos. Dessa forma, combinados que eles seguiriam participando das aulas das formas que eles pudessem contribuir se sentindo a vontade para dançar ou não. Com esse acontecimento percebi o quanto essa prática corporal ainda carrega consigo uma marca de prática feminina, mas que por parte dos alunos eu ainda não havia percebido. Me questionei: *se era um certo preconceito por parte das mães com relação á essa prática ou se as crianças estavam realizando as atividades “forçadas” e eu não estava percebendo?*

Para poder alcançar alguns dos objetivos propostos inicialmente no meu plano de ensino, apresentei aos alunos alguns vídeos com imagens de diversas danças. Enquanto assistimos ao vídeo fui explicando as possibilidades de se dançar: improvisando, coreografias, em casal ou em círculos (danças circulares). Nos vídeos todas essas formas de se dançar foram apresentadas, inclusive o mesmo ritmo sendo dançado de formas

diferentes como o *Break* que apareceu sendo dançado em coreografias e no formato de desafios (improvisado). Durante a assistência do filme algumas crianças riram ao observar danças como o xaxado, a chula gaúcha e o carimbó. Nesse momento fiz algumas intervenções no sentido de mostrar que estamos rindo porque nós não conhecemos aquelas danças, e que dessa forma estamos desvalorizando o que os brasileiros de outras regiões estão produzindo. Foi legal observar o comportamento dos alunos enquanto assistiam o filme, mesmo em ritmos desconhecidos, eles se mexiam nas cadeiras, dançando de diversas formas as músicas/danças que estavam sendo apresentadas.

Pensando em aprofundar o conhecimento dos estudantes a respeito das danças, realizei uma atividade de reconhecimento dos ritmos. Selecionei músicas que representassem bem (no meu entendimento) um determinado ritmo musical e fomos conhecendo um pouco mais sobre cada um dos ritmos apresentados, como algumas letras das músicas, os instrumentos utilizados em cada ritmo, os principais passos. Fiquei impressionada com a fala de alguns alunos, reconheciam instrumentos, conheciam letras das músicas e relacionavam as músicas e os ritmos às ações da sua vida. Um aluno reconhecia muito bem os instrumentos musicais, e eu perguntei como ele conhecia e ele me respondeu que era porque o seu pai era da torcida “Morro da Fumaça” e que ele ia junto e tocava os instrumentos junto com a torcida. Outra aluna conhecia a música “Menino da porteira”, não muito presente no seu cotidiano, mas porque já havia assistido o filme que leva esse mesmo nome e conta a história da música. Um outro aluno contou que seu avô ouvia bastante aquele tipo de música, o sertanejo de raiz, quase todos os dias.

A partir dessa atividade lembrei-me que tínhamos a bandinha da escola, e resolvi então que experimentássemos uma vivência de dança com o nosso próprio som. Confesso que foi um pouco difícil a atividade, mas foi muito interessante. No primeiro dia a briga para tocar o tambor foi maior do que a própria aula, mas conseguimos nos organizar de forma que todos experimentassem tocar todos os instrumentos. Durante essa aula muitos alunos tocaram um instrumento musical pela primeira vez, enquanto outros já ensinavam aos colegas e apresentavam os nomes dos instrumentos e como se toca. A dança que eu havia proposto praticamente não aconteceu, pois o interesse em tocar os instrumentos era maior do que dançar o som que ali era produzido. Também temos que levar em conta que o som produzido ali não era muito fácil nem interessante de se dançar. Mas mesmo assim ora um aluno, ora outro tentou realizar alguns movimentos dentro do que os seus colegas tocavam.

Como eu já havia apresentado através dos vídeos um pouco sobre as danças típicas das regiões brasileiras e falado um pouco sobre algumas possibilidades de se dançar, organizei o trabalho pelas regiões, tipos de dança e possibilidade de se dançar, de forma a tentar contemplar a maior diversidade de conhecimento a respeito das danças brasileiras. Esse recorte foi feito por mim, a partir dos meus dos conhecimentos que fui adquirindo durante a realização do trabalho através das pesquisas, leituras, vídeos, conversas com pessoas da área de danças. Deixei bem claro para os alunos que existem outras danças, assim como outras possibilidades daqueles grupos se expressarem, mas pensando em organizar um recorte para a realização do trabalho foi assim que eu organizei o trabalho:

<b>REGIÃO</b>	<b>RITMO</b>	<b>POSSIBILIDADE DE SE DANÇAR</b>	<b>TIPO DE DANÇA</b>
NORTE	Boi-Bumbá	Circular / Coreografia	Folclórica
NORDESTE	Frevo	Coreografia / Improviso	Social
NORDESTE	Axé	Coreografia	Social
NORDESTE	Xaxado	Coreografia	Social
NORDESTE	Forró	Casal	Social
SUDESTE	Funk	Coreografia e improviso	Social
SUDESTE	Hip-Hop	Coreografia e improviso	Social
SUDESTE	Samba	Casal / Improviso	Social
CENTRO-OESTE	Sertanejo	Coreografia /Casal	Social
CENTRO-OESTE	Catira	Coreografia	Folclórica
SUL	Fandango Gaúcho	Casal	Social
SUL	Rancheira	Casal	Social

É interessante ressaltar que priorizei no trabalho com os 1º anos realizar as danças que classifiquei como danças sociais, pois um dos objetivos do trabalho era o de discutir com os alunos sobre as nossas possibilidades de criação das danças, para que possamos utilizar novas formas de dançar nas nossas ações cotidianas, como nas festas, aniversários, churrascos entre outras ocasiões que os alunos me relataram que dançavam.

Durante os estudos dos ritmos selecionados eu apresentava um vídeo com imagens da dança, ouvíamos algumas músicas que representavam aquele ritmo, experimentávamos os passos daquele ritmo, e construíamos as nossas possibilidades de dançar. Enquanto assistíamos aos vídeos, tentei proporcionar aos estudantes momentos de leituras dessas práticas corporais, isto é: eu pedia aos alunos para que observassem quem são as pessoas (homens, mulheres, crianças, idosos) que estão dançando, quais as roupas estão sendo usadas, em quais espaços as danças acontecem, quais materiais/adereços são utilizados, quais são os movimentos mais importantes. Esse



exercício de observação de quem são os grupos que produziram aquelas práticas corporais no meu entendimento foi muito interessante, pois nos ajudam a aprofundar os conhecimentos dos alunos a respeito das danças abordadas e de quem são os sujeitos que constroem e praticam aquelas danças.

Nas danças coreografadas, iniciávamos com a coreografia original da música, e em vários momentos tentamos desconstruí-las. Mas confesso que não foi um exercício fácil. Com os ritmos que os alunos não conheciam muito como o axé e o frevo, os processos de criação das próprias coreografias aconteceram com mais liberdade, pois os alunos apresentavam alguns passos para a composição da dança. Já nos ritmos com as músicas mais conhecidas, praticamente não conseguimos mudar muito os passos, até porque utilizamos algumas letras que dizem o que precisa ser feito durante a dança. Quando isso aconteceu, procurei valorizar também alguns itens importantes nas danças coreografadas, como cada um realizar o seu movimento no tempo certo, ao mesmo tempo, ou para o mesmo lado, abordando um pouco mais das questões técnicas das danças. Nesses momentos notei novamente como a mídia consegue ser superior as nossas ações na escola.

Nas danças de improviso estudamos duas possibilidades: dançar a vontade, criando os passos de acordo com o que sente ao ouvir a música, os alunos apontaram que é assim que se dança na “balada” e no formato de desafios. Os desafios aconteceram nos ritmos *break* e *funk*. Quando a proposta era de desafios, os alunos se desafiavam durante as aulas compondo o seu próprio repertório de movimentos. Foi interessante perceber como os filmes que trouxeram imagens dessa modalidade de dança atraíram os alunos. A questão da competição deixavam os alunos muito envolvidos. Os desafios de *funk*, conhecidos como batalha do passinho estava acontecendo em um programa de televisão que os alunos assistiam, e muitas vezes eles se remetiam ao que tinha acontecido no programa durante essas aulas.

Nas danças de casal, os alunos organizavam o seu próprio jeito de dançar, mas utilizando os elementos estudados. Foi interessante perceber como as questões iniciais sobre a formação dos casais não apareceram mais durante as aulas.

Quando estudamos as danças pertencente à região Norte do Brasil, estudamos especificamente o Boi-Bumbá presente no Estado do Amazonas. Apesar da existência dessa atividade folclórica em outros Estados e Regiões do País, entendi que as particularidades que existem sobre essa prática naquele Estado ampliaria os conhecimentos dos alunos sobre a diversidade cultural que estávamos estudando. A

existência de uma rivalidade entre os Bois Garantido e Caprichoso, a existência de um espaço para a festa, o Bumbódromo, a presença dessa festa na televisão aqui da nossa região, enfim acreditei que nos debruçarmos sobre esse tema especificamente seria mais interessante, pois aprofundaríamos mais os nossos estudos sobre essa prática cultural que está um pouco distante da nossa realidade.

Durante as nossas vivências, utilizamos músicas de grupos da região que retratam bem essa disputa entre os bois, e nos organizamos em dois grupos, o do Boi Garantido e do Boi Caprichoso para as nossas vivências. Para as experimentações das danças do Boi-Bumbá, utilizamos os bois produzidos para a apresentação das turmas dos 4º anos, pois na apresentação final, cada ano do ciclo apresentaria uma dança de um ritmo pertencente à região que foi estudada em sala de aula com as professoras polivalentes. Cada aluno pode escolher a qual Boi iria pertencer, em geral as meninas escolhiam o Garantido por ser vermelho e os meninos o Capricho por ser azul, mas alguns não se preocuparam com isso.

Percebi durante o tempo em que estudamos o Boi-Bumbá que as crianças tentavam vir com as roupas da cor do seu Boi. Como o uniforme da escola é azul, diversas vezes as crianças que eram do Garantido tiravam a blusa da escola e ficava apenas com a camiseta que é branca para não parecer que ela estava traindo a sua equipe, pois eu havia contado que lá no Amazonas algumas pessoas não usam a cor do Boi rival.

Percebi que pouco abordei sobre o surgimento das danças estudadas, mas acredito que conseguimos discutir um pouco mais sobre o que as danças significam para as pessoas que a praticam, quais os valores e a importância que esses sujeitos dão para essas práticas.

Já que havíamos trabalhado bastante com as danças sociais, resolvi organizar uma balada para os alunos, pois tendo em vista que nós já havíamos estudado vários ritmos, e me lembrando de que nas falas iniciais os alunos eles se remetiam a festas e baladas, organizei uma baladinha na sala de leitura, com a intenção de observar se as discussões que estavam norteando as nossas aulas seriam colocadas em prática. Dessa forma eu poderia avaliar o que de fato os alunos estavam aprendendo durante as nossas aulas. No meu entendimento e através das falas dos alunos ao final da atividade, percebi que algumas coisas estavam mudando, outras nem tanto. Nessa balada levei apenas músicas que estão no dia a dia dos alunos, e notei enquanto ponto positivo a participação de todo o grupo, dançando de diferentes formas. Porém em algumas músicas, a reprodução da coreografia ainda é feita pela maioria da turma. Em depoimento, um aluno me disse que não sabia dançar uma determinada música que tocou durante a balada, mas aí ele inventou

um jeito de dançar. Essa fala me fez acreditar que para alguns alunos a proposta de dança como possibilidade de expressão dos seus sentimentos durante a música estava acontecendo.

Para o encerramento do trabalho realizado com as danças e que contemplasse o projeto da escola organizamos a festa: “Meu Brasil brasileiro que canta e encanta”. Uma festa onde tentamos apresentar um pouco da diversidade cultural brasileira estudada em nossas aulas. Organizamos a festa de uma forma que apresentasse um pouco da cultura brasileira. Figurinos, danças, enfeites, comidas, enfim tentamos valorizar um pouco de cada região brasileira. Durante as apresentações das danças eu contava um pouco da região e das características da dança que seria apresentada, desde o grupo que pratica, sobre os figurinos, as letras das músicas, para que os pais também entendessem um pouco mais sobre essa diversidade que estava ali presente. Tivemos a apresentação de: sertanejo, fandango gaúcho, rancheira, frevo, samba, boi-bumbá, hip-hop, funk, xaxado e catira.

Para essa apresentação na festa, organizamos as danças de acordo com as regiões de cada ano do ciclo. Os 1º anos apresentaram um Fandango Gaúcho e uma Rancheira. Ritmos representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Para a construção dessas coreografias, utilizei alguns vídeos que apresentavam a dança, já com a coreografia pronta. Porém eram coreografias muito difíceis de realizarmos. A partir daí, construímos a nossa coreografia, sempre tentando valorizar as opiniões e sugestões dos alunos.

É interessante observar que algumas mães se envolveram muito durante o trabalho. Quando começamos a organizar a festa, elas se dispuseram a ajudar, e contribuíram costurando todo o nosso figurino das danças (bombachas, saias do frevo, saia do fandango, bermuda para o frevo, roupas para o samba e até o meu figurino foi costurado por elas). É importante ressaltar que essa participação dos pais nas atividades escolares contribui muito para que as ações deem certo, pois o diálogo entre escola e família no ajuda a pensar em uma escola que atenda a necessidades e aos interesses dos nossos educandos, e na nossa escola isso acontece frequentemente, os pais estão sempre participando das ações que a escola propõe e promove.

Após a apresentação, uma das mães que havia me procurado no início do trabalho pedindo para que seu filho ficasse de fora das aulas, veio conversar comigo, dizendo o quanto seu filho havia mudado com relação á prática das danças. Ela apontou que ele está participando mais e demonstrando interesse em atividades relacionadas às danças em casa. Aproveitei para mostrar para ela que o que estudamos nas aulas de educação física vão sempre em direção a ajudar os alunos a conhecerem um pouco mais sobre as

manifestações da cultura corporal estudada sem a preocupação de nos tornarmos bons atletas, dançarinos, ginastas etc. Como era o primeiro ano do filho dela na escola e ela não conhecia o trabalho desenvolvido e me afirmou que se sentiu mais segura, pois seu filho era muito tímido.

Avaliando o trabalho realizado, percebo que as danças estão muito presentes no nosso cotidiano, mas que pouco valorizamos essa manifestação da cultura corporal no interior da escola. Foi interessante realizar um trabalho de danças com crianças dessa faixa etária. Mostramos que crianças de 6 anos também possuem conhecimentos além das brincadeiras. Quando um aluno me diz que o que mais gostou do trabalho foi usar a bombacha, porque se sentiu um caçador, vejo como a questão estudada sobre quem são os sujeitos que praticam aquelas danças contribuíram para que ele entendesse um pouco mais a diversidade brasileira.

Ao final de todo o trabalho, a fala de uma aluna me apresenta que o trabalho realizado, ajudou as crianças a construir ou modificarem as suas impressões sobre as danças. *“Professora, não existe jeito certo ou errado de dançar...cada uma dança do seu jeito, como você quer!”*